

ID: 106068488

06-07-2023

O Livro de Pantagrue, um musical antropofágico no São Luiz

Opereta sobre canibalismo? *Music-hall* monstruoso? A obra que hoje se estreia é de difícil classificação: entre Grimm e Tarantino, no reino do humor negro

Pedro Boléo

Um espectáculo híbrido, em que horror, amor e humor se tocam, sobe hoje ao palco do São Luiz Teatro Municipal, em Lisboa, onde ficará a aterroizar espectadores até ao dia 16. Depois, a 22 e 23, desce a Loulé, onde promete assustar o Cineteatro Louletano. Os fios condutores são a culinária, o canibalismo e a música: além de um elenco variado de actores e cantores, a peça inclui 34 instrumentistas da Orquestra Metropolitana de Lisboa. No São Luiz, com Pedro Neves segurando a batuta. Em Loulé, com Rui Pinheiro na direcção.

O *Livro de Pantagrue*, o famoso compêndio de receitas de Bertha Rosa-Limpo, foi editado em 1947. Mas a primeira inspiração do encenador Ricardo Neves-Neves foi mesmo a obra de François Rabelais, o escritor humanista que fez do gigante Pantagrue uma personagem globalmente famosa, ao escrever, em 1532, *Os horripantes e apavorantes feitos e proezas do mui renomado Pantagrue, Rei dos Dipsodos, filho do Grande Gigante Gargântua* – uma paródia aos romances de cavalaria medieval, brutalmente satírica, com muito humor negro e violência, considerada obscena e censurada em França no seu tempo.

“O ponto de partida foi Rabelais, na sua monstruosidade, nos seus exageros, na forma agreste e grotesca de ser cómico, na alarvidade”, diz-nos o autor e encenador. “Ele comia tudo... e comia pessoas. Aquela criatura foi a primeira inspiração. Claro que há o outro, *O Livro de Pantagrue* que toda a gente tem em casa e que vai na 40.ª edição. As novas gerações continuam a usá-lo, inclusivamente como decoração na cozinha”, diz Ricardo Neves-Neves, com sentido de humor.

Era portanto difícil fugir ao famoso livro de culinária que também se ins-

pirou naquele livro de Rabelais. E dali vêm as receitas que são parte importante do espectáculo. A questão é que se trata de uma culinária bastante particular. Entre as iguarias que aqui serão servidas figuram, por exemplo, “marujos e moralistas em princípio de carreira”, “punhos de sindicalista”, “ervilhas com olhos escalfados” e outros pitéus “canibais”...

Uma violência muito gráfica

Outro ponto de partida foram os contos infantis. Ricardo Neves-Neves quis captar “a violência, a agressividade, o lado perverso dos contos tradicionais”, essas “coisas sanguíneas que ouvimos em miúdos e ainda continuamos a contar” – e que nada têm “de inocente”.

Foi a esse universo que o encenador foi buscar as personagens desta sua nova criação. Há Pantagrue, claro, mas transfigurado numa figura feminina de saltos muito altos, interpretada por Sandra Faleiro. Há o lobo mau, o tal que come a avó e a quem o caçador, depois de o matar, ainda abre a barriga para resgatar a vítima que lhe serviu de refeição. Violências “muito gráficas”, sublinha o criador da peça. E há ainda Hänsel e Gretel, “as duas crianças que se perdem no bosque e vão dar à casinha de bolachas e de chocolate onde há uma bruxa que as vai prender e engordar, para depois as meter no forno e cozinhar”, lembra Neves-Neves, aludindo ao famoso conto dos irmãos Grimm do início do século XIX.

Pelo meio, encontraremos um Nosferatu “estagiário”, figura tremendamente cómica que assistirá Pantagrue nas suas cruéis receitas. E dois fetos gémeos, personagens difíceis de descrever, mas importantes para uma série de sérias brincadeiras que vão da biologia (como se alimentam os



seres humanos, afinal?) à economia, e às formas contemporâneas de umas empresas “engolirem” as outras.

O Livro de Pantagrue, o espectáculo, alimenta-se de outras referências, de *Sweeney Todd a Nosferatu*, de *Frankenstein a Kill Bill*. Da dieta desta encenação, e dos filões do cinema de terror, da literatura infantil e do *music-hall* norte-americano, faz ainda parte o mundo dos videojogos, numa linguagem que cruza vocabulário dos nossos tempos com o humor corrosivo do Rabelais renascentista. Tudo se entretence num jogo de personagens saltitante (e flutuante), como o PÚBLICO pôde constatar num ensaio preliminar no Teatro da Comuna, onde o Teatro do Eléctrico, a companhia de Ricardo Neves-Neves, esteve a trabalhar antes de rumar ao São Luiz.

Para além de Sandra Faleiro, o elenco inclui Andreia Valles, António Ignês, Célia Teixeira, Diogo Fernandes, Eliana Lima, Inês Cotrim, Juliana Campos, Rafael Gomes, Rita Carolina Silva, Ruben Madureira e Sissi Martins. Vários deles cantam também, porque este “livro” é na verdade um espectáculo em que a música tem papel fundamental.

O autor da partitura original da peça é Filipe Raposo, que tem colaborado regularmente com Ricardo Neves-Neves. “Já é a nossa quarta

Sandra Faleiro compõe um particularíssimo Pantagrue, convertido numa figura feminina de saltos muito altos

produção juntos”, diz-nos o compositor, “e há um entendimento entre nós sobre a forma como a música serve de contraponto ao texto”. Uma música que se desenvolve num “jogo de tensões”: “Ora consonante ora dissonante, ora apoiando e sublinhando o texto, ora criando direcções diferentes”, explica.

“A música ocupa por vezes uma função de *background*, a pontuar o texto de uma forma suave, a criar uma tensão subliminar. Noutros momentos, aparece em formato canção, fazendo a narrativa avançar. E noutros ainda aparece só a orquestra”, diz Filipe Raposo. Uma música com funções múltiplas, portanto, e em que as referências dos contos infantis e do cinema são estruturantes.

O ensaio a que o PÚBLICO assistiu, embora ainda sem orquestra, já tinha a música e o canto no sítio certo. Uma composição construída a par e passo com o texto: “Foram sendo criados simultaneamente, à semelhança dos dois fetos gémeos”, sublinha o compositor, que munuiu este *Livro de Pantagrue* de uma banda sonora coerente com a peça, mas bem diversificada estilisticamente e nas suas formas de orquestrar: entre melodias japonesas, lengalengas e “mantras” que instalam os actores e os espectadores



O ponto de partida foi Rabelais, na sua monstruosidade, na forma agreste e grotesca de ser cómico, na alarvidade

Ricardo Neves-Neves
Autor e encenador



num universo de fantasia, extravagância e humor negro.

Ricardo Neves-Neves reitera que “a música não vem ilustrar a cena, ou adornar a cena”, e que ela nasce ao mesmo tempo que o espectáculo. “Temos conversas, eu escrevo uma cena, o Filipe escreve outra, e aquilo transforma e influencia a escrita, porque a densidade da composição e da orquestração ou do tipo de melodia são estímulos para o desenvolvimento do texto.”

Fragmentos de humanidade

Apesar do humor, a peça traz à baila questões complexas, no limiar da razão e do instinto. Fala-se de violência, morte, vingança, culpa e religião. Muito mais do que de um compêndio de culinária canibal, é de uma reflexão contemporânea sobre a moral e os seus limites que se trata.

“*O Livro de Pantagruel* é um livro de receitas, só que é também uma forma de alcançar a vida eterna, está relacionado com mitos e rituais sobre canibalismo”, explica Ricardo Neves-Neves. “Ao comer outra pessoa, fico com o seu tempo de vida e com o seu conhecimento. Portanto, alimentarmo-nos de outra pessoa é uma forma de chegar ao conhecimento absoluto e à vida eterna.”

Sandra Faleiro, a protagonista,

acrescenta que “o canibalismo também tem que ver com a procura da juventude”. E acrescenta a actriz que se junta à conversa no final de mais um ensaio: “A vida eterna é uma coisa que toda a gente nalgum momento da vida já desejou. O conhecimento absoluto está ligado à vida eterna. E nós andamos sempre a lutar contra o tempo...”

O espectáculo reflecte sobre o mal e a psicopatia, a manipulação do corpo humano e a manipulação dos outros, mas também sobre a possibilidade do amor, apesar de tudo, por mais cruel que ele possa parecer.

Para Sandra Faleiro, que aqui compõe um muito particular Pantagruel, o que se propõe é uma descoberta da humanidade: “No meio dos monstros, estamos à procura de uma humanidade qualquer. Esta coisa do canibalismo também é uma metáfora do exercer poder sobre outra pessoa. Há amor e manipulação. Mas o amor está cheio de manipulação... As coisas nunca são só uma, têm várias facetas”, diz esta intérprete, que garante que estará a descobrir o seu papel até ao último espectáculo. “Já me conheço e nunca vou achar que o trabalho está terminado, vou andar sempre à procura. Há uma coisa que me agrada muito neste texto e na música: este universo infantil e do conto que atravessa todas as gerações é muito rico e traz logo imensas imagens. E depois há um lado muito sensitivo, que tem que ver com a estética, as cores, o sabor, o sexo. Estou à procura de pequenos apontamentos de humanidade e até ao fim dos espectáculos vou estar nesta angústia”, confessa.

O canibalismo de *O Livro de Pantagruel* pode chocar alguns, mas a actriz e o encenador concordam que a arte deve suscitar interpretações diferentes e gerar discussão e que não tem de ser “correcta”. “A ideia de que a arte tem de ser pedagógica é muito cansativa”, diz Sandra Faleiro. “Acho os espectáculos e a arte em geral são mais interessantes quando despertam o pensamento crítico do que quando me vêm ensinar qualquer coisa. Um espectáculo não é uma aula, não é uma lição”, sublinha Neves-Neves.

Nestas próximas noites do São Luiz, poderemos assustar-nos (e rir, provavelmente) com *O Livro de Pantagruel*, obra cuja concepção plástica e cenográfica assenta nos figurinos de Rafaela Mapril, no cenário de Henrique Ralheta, no desenho de Luz e vídeo de Cristina Piedade, na sonoplastia de Sérgio Delgado e no movimento de Rita Spider. Ao centro deste “espectáculo total”, a música de Filipe Raposo tocada pela Orquestra Metropolitana de Lisboa. Como diz Ricardo Neves-Neves, “a música ao vivo tem uma vibração completamente diferente”: “Isto não é esotérico, é mesmo real. A música entusiasma, faz vibrar as nossas moléculas. Porque somos feitos de água e também trememos.”

ID: 106068488

06-07-2023

Teatro
O Livro de Pantagruel
encenado como um musical
antropofágico no São Luiz
Cultura, 28/29